

O ENSINO SERICÍCOLA E COMO ORGANIZÁ-LO NO BRASIL

Eng. Agrônomo MARIO VILHENA
Ex-Professor de Sericicultura da Escola Superior de
Agricultura e Veterinária, de Viçosa.

(Especial para "Ceres")

Um dos aspectos principais do problema sericícola nacional é a falta de agrônomos especializados, para a divulgação dos métodos racionais de cultura da amoreira e da criação do bicho da seda.

Enquanto o Brasil não possuir um corpo de *Técnicos em Sericicultura*, não poderão os serviços séricos federais e estaduais promover o fomento da sericicultura em nosso país, de modo a serem aproveitadas as inegualáveis condições naturais de que dispomos para essa indústria e satisfeitos pela produção nacional o vultoso consumo de casulos do bicho da seda entre nós, que já atinge, segundo cálculos idôneos, à cifra vizinha de 15 milhões de quilos.

São poucos os agrônomos brasileiros que possuem conhecimentos especializados de sericicultura e desses apenas seis a estudaram na própria escola; os demais são autodidatas.

A deficiência de *Técnicos em Sericicultura*—friso, de *agrônomos especializados em sericicultura*—cria sérios entraves ao desenvolvimento de uma indústria tão lucrativa e que, conquanto introduzida no Brasil há quasi um século, permanece numa fase de tentativa, sem expressão econômica.

Essa deficiência é responsável, em grande parte, pelo progresso tardo e inexpressivo da sericicultura brasileira e, enquanto ela existir, não produzirá o Brasil os milhões de quilos de casulos de que carece para as suas necessidades e os muitos milhões de quilos que robustecerão, no futuro, a sua exportação.

No Brasil, sómente uma escola agrícola—a Escola Superior de Agricultura e Veterinária, de Viçosa—manteve, em 1935 e 1936, cursos para formação de *sericultores* (178) e de *Técnicos em Sericicultura* (12), destes seis agrônomos e seis veterinários, cursos esses organizados e dirigidos por nós, a convite do então diretor daquele estabelecimento, Dr. J. C. Bello Lisboa.

Encerrados os cursos da E.S.A.V., de Viçosa, outra escola não os organizou, permanecendo invariável o número de técnicos e aumentando, dia a dia, a sua necessidade.

A construção da nova e grandiosa Escola Nacional de Agronomia, uma das mais fecundas realizações que o Brasil ficará devendo ao Ministro Fernando Costa, solucionará em definitivo — em definitivo, porque agronomicamente — o problema sericícola nacional, porque consta do plano dêsse estabelecimento um *instituto sericícola* moderníssimo, orçado em 2.221:726\$200, que conduzirá as pesquisas que ainda não pudemos realizar no domínio da sericicultura, formará o corpo de técnicos, de agrônomos especializados, de que precisamos e também talvez comande toda a acção do govêrno federal em proveito da indústria sericícola brasileira.

Verifica-se, portanto, que nenhum ângulo do problema ficou esquecido, porque o instituto sericícola da nova E.N.A. ensinará e experimentará e ainda orientará o fomento da sericicultura, traçando-lhe diretrizes racionais, atendendo às condições das diversas regiões do Brasil.

O ensino da sericicultura no instituto sericícola da E.N.A., mercê da organização e dos recursos de que êle disporá, colocará o Brasil em situação de concorrer com os grandes, velhos e fortes produtores da sêda, como o Japão, a Itália, a Rússia, a Corêa, porque êsse ensino formará verdadeiros técnicos em sericicultura, isto é, agrônomos especializados em sericicultura, os quais, assumindo a orientação do fomento sericícola no Brasil, agirão sob rumos novos, ditados pela ciência sericícola brasileira.

Pensamos — e assim pensamos pela experiência de 12 anos que temos da questão — que o ensino da sericicultura poderia ter carater facultativo, pois é difficil formar-se um bom especialista contrariando as suas aptidões vocacionais.

Inscrito por iniciativa sua no curso de *Técnico em Sericicultura*, o estudante de agronomia que inicia o seu 3º ano de estudos, estará, porém, sujeito às exigências das disciplinas obrigatórias, quanto á frequência, provas, trabalhos práticos e de laboratórios, excursões, etc.

Póde-se fazer um bom curso de sericicultura em dois anos letivos, abrangendo o ensino todos os aspectos da ciência sericícola, assim:

- I. Generalidades
- II. A amoreira
- III. Biologia do Bicho da Seda
- IV. Patologia do Bicho da Seda
- V. Criação do Bicho da Seda
- VI. Sementagem
- VII. Industrialização do Casulo
- VIII. Experimentação.

Sob programa assim amplo e dispondo o instituto sericícola da E. N. A., como disporá, de viveiros e diversos tipos de amoreirais, horto, sirgarias, secção industrial, estação experimental, secção de sementagem, biblioteca, museu, etc., o Brasil possuirá, finalmente, em poucos anos, os *Técnicos em Sericicultura* que lhe assegurarão um lugar de saliência entre os grandes produtores de seda do mundo.

Por tudo isto, concluímos:

- I. O Brasil não dispõe de um número suficiente de *Técnicos em Sericicultura*;
- II. o desenvolvimento da indústria sericícola brasileira depende da formação de agrônomos especializados em sericicultura;
- III. um instituto sericícola na E. N. A. possibilitará o ensino, a experimentação e o fomento da sericicultura sob bases científicas;
- IV. deve ser facultativa a inscrição no curso de sericicultura da E. N. A., cuja duração poderá ser de dois anos, sob programa que abranja todos os aspectos da ciência sericícola.

Enxertos de Abacateiros das raças Guatemalense, Antilhiana e Mexicana. - Árvores frutíferas e ornamentais. - Roseiras e Árvores para arborisações, encontram-se na

“CHACARA IBITINGA”

PROPRIEDADE DE

JOSÉ MAURILIO VALENTE

COM VIVEIROS EM

S. José do Barroso — S. João Nepomuceno — Juiz de Fôra.